

Banqueiro alemão vê problemas para renovação de créditos

por Peter Norman
do Wall Street Journal

A economia brasileira enfrentará novos e graves problemas nesta semana porque os bancos não deverão conceder ao Brasil créditos de curto prazo adicionais, previu um graduado banqueiro da Alemanha Ocidental.

"A situação brasileira é uma verdadeira catástrofe", declarou Werner Blessing, membro da diretoria do Deutsche Bank AG responsável pelas operações e reescalonamento de dívida do Hemisfério Ocidental. Mas ao contrário da situação de três anos atrás, explicou ele, os bancos estão agora em uma posição de força.

A partir de abril, os importadores brasileiros que tentarem financiar a compra de produtos estrangeiros, provavelmente não terão outra opção senão enviar cartas de crédito vinculadas a transações específicas, disse Blessing em entrevista ao Wall Street Journal, edição européia. "Se o Brasil não conseguir obter financiamento para os negócios de curto prazo, então é uma situação muito ruim para o país", acrescentou.

GESTO INCOMUM

É incomum um membro de diretoria do Deutsche Bank falar abertamente sobre uma questão tão delicada como o problema de dívida internacional. Os comentários diretos de Blessing mostram até que ponto a política de linha dura do ministro das Finanças brasileiro, Dilson Funaro, irritou os bancos da Alemanha Ocidental.

As relações do Brasil com banqueiros credores chegaram a um novo ponto mais baixo na semana passada quando o país e o comitê consultivo internacional que representa seus bancos credores não conseguiram chegar a acordo sobre o futuro de cerca de US\$ 15 bilhões de créditos comerciais de curto prazo e linhas de crédito interbancário que formalmente vencem hoje.

O Brasil congelou efetivamente os créditos quando alterou unilateralmente os procedimentos de rolagem com os bancos em fevereiro. Na semana passada, os bancos negaram-se a prorrogar as linhas de crédito além de segunda-feira.

Esse impasse deixou para cada um dos bancos credores do Brasil a opção de manter inalteradas as linhas de crédito, ou tentar obter o reembolso. Apesar de que a recuperação dos fundos envolveria complexas manobras judiciais, alguns bancos poderiam dar andamento a essa medida devido ao seu grande descontentamento com o Brasil.

Blessing, que representa os bancos alemães ocidentais no comitê consultivo dos bancos credores, aceita que o Brasil não reembolsará os créditos de curto prazo no fim deste mês. Mas ele disse que os bancos certamente não concordarão com a prorrogação das linhas de crédito do País e, em vez disso, provavelmente utilizarão a questão dos créditos de curto prazo como alavanca no futuro. Se pedir mais dinheiro a partir de abril, o Brasil não o conseguirá, e o comércio do País enfrentará dificuldades, disse ele.

INFLAÇÃO E SUPERÁVIT

Blessing observou que a resolução da crise de dívida dependerá da elaboração pelo Brasil de um plano para controlar a inflação e aumentar o superávit de balanço de pagamentos de uma maneira que poderia conseguir a confiança dos brasileiros bem como dos bancos credores.

Segundo ele, é "simplesmente errado" os líderes brasileiros culpar os bancos estrangeiros e a enorme dívida externa do Brasil pelas dificuldades da Nação.

"É evidente que a dívida de US\$ 110 bilhões é um problema", afirmou Blessing. "Mas a perda de credibilidade do governo é baseada no fracasso do Plano Cruzado para combater a inflação e reduzir o déficit estatal, e o plano é de fabricação doméstica".

Ele acrescentou que os principais industriais brasileiros sabem o que é preciso ser feito para restaurar a boa condição econômica do País. Além disso, o Brasil mostrou que consegue obter um superávit comercial mensal de US\$ 700 milhões a US\$ 1 bilhão para efetuar o serviço da dívida. "Mas isso não pode ser conseguido se a taxa cambial for incorreta e se a demanda interna é tão alta a ponto de absorver os produtos que deveriam ser exportados."

FONTES DE RECURSOS

Embora os bancos alemães sejam menos importantes dos que os dos Estados Unidos, Japão, Inglaterra, França e Canadá como fontes de recursos aos quinze maiores países devedores do mundo em desenvolvimento, estão envolvidos com relativa intensidade no Brasil. No fim de 1985, segundo as mais recentes estatísticas do Bundesbank, o Brasil devia US\$ 4,68 bilhões aos bancos alemães e suas subsidiárias consolidadas. Esse valor era quase 25% do total do saldo credor de US\$ 18,07 bilhões que os bancos alemães tinham nos quinze principais países devedores.

Blessing declarou que Funaro prejudicou seriamente as relações com os bancos credores em março, quando tentou, sem sucesso, contorná-los e obter junto aos governos dos maiores países industrializados ocidentais uma solução para os problemas de dívida brasileira. Além disso, prosseguiu ele, o Brasil estava "em evidente violação de contrato" quando, depois de sua decisão de 21 de fevereiro de suspender os pagamentos de juros sobre cerca de US\$ 68 bilhões de dívida estrangeira de curto e médio prazos, congelou efetivamente suas linhas de crédito de curto prazo.

POSIÇÃO VIGOROSA

Mas nos últimos três anos os bancos passaram a adotar uma posição mais vigorosa para tratar desses problemas, afirmou. Os bancos europeus aumentarão oportunamente as provisões para prejuízos com empréstimos enquanto os bancos norte-americanos elevarão seu capital.

Além disso, Blessing afirmou acreditar que o problema brasileiro afetará as relações dos bancos com outros países devedores.

Tanto o México quanto a Argentina disseram que continuarão a efetuar os pagamentos de juros, disse ele, e o reescalonamento da dívida do Chile está indo bem.

"Cabe aos brasileiros pôr sua casa em ordem, e há muito que pode ser feito", afirmou Blessing. "É um mercado muito amplo. Os países do mundo têm um grande interesse nele. E como a indústria mundial já está envolvida no Brasil, existe uma verdadeira probabilidade de que o Brasil conseguirá obter o capital de que necessita através de novos investimentos ou de troca de dívida por capital."

Ele salientou que o Brasil não deve subestimar a determinação dos bancos de defender suas próprias posições.

"Não é muito agradável chegar perto da confrontação", observou. "Mas os bancos não devem dar uma impressão errada. As provisões para prejuízos com dívida que estamos efetuando refletem uma cautelosa política comercial. Não significam que não queremos cobrar nossos créditos."